

## Carta a Frei Hans

### Fundador da Obra Social N. Sra. da Glória - Fazenda da Esperança

#### **Prezado Frei Hans!**

Somos um grupo de **327 amigos**, membros e ex-membros do Movimento dos Focolares, filhos do carisma de Chiara Lubich. Portanto, conhecedores, admiradores e até mesmo colaboradores da “Obra Social Nossa Senhora da Glória - Fazenda da Esperança”. desde os seus primórdios. E sabemos o quanto as fazendas já fizeram e podem continuar a fazer pelos dependentes químicos, pela Igreja, pelas periferias geográficas e existenciais, mundo afora.

Como cristãos sabemos que somos chamados a amar a todos, sem exceção. Mas, como escreveu o Papa Francisco na Fratelli Tutti, *“amar um opressor não significa consentir que continue a ser tal; nem levá-lo a pensar que é aceitável o que faz. Pelo contrário, amá-lo corretamente é procurar, de várias maneiras, que deixe de oprimir, tirar-lhe o poder que não sabe usar e que o desfigura como ser humano”*.

Por isso, causa-nos espanto os sucessivos eventos que mostram não só uma aproximação institucional, mas uma quase total adesão da Fazenda – ou ao menos do senhor, Frei Hans – ao projeto do atual governo federal na figura do presidente Jair Bolsonaro. Em especial, causou-nos uma verdadeira indignação sua última manifestação pública em claro apoio a Jair Bolsonaro por ocasião da audiência presidencial com lideranças católicas, realizada no Palácio do Planalto em 18/05. Na conclusão de sua fala, o senhor afirmou a Bolsonaro: “Agradeço muito a sua coragem de defender a vida. Estamos Juntos”. E no início do discurso ficou claro que era uma fala não só pessoal, mas em nome de toda a Família Fazenda da Esperança.

**Não**, Frei Hans, “Não Estamos Juntos” do atual presidente da república. E colocar a Fazenda nessa posição é sair da comunhão com essas centenas de pessoas que conhecem e apoiam a Fazenda da Esperança, no Brasil e no Mundo.

Nos assombra essa declaração de apoio, porque não enxergamos em quais pontos os valores essenciais do cristianismo se coadunam com esse governo, para além dos discursos eleitoreiros e muitas vezes vazios de prática sobre defesa da vida e da família. E nos entristece que essa opção também não combine nem um pouco com os ensinamentos de Chiara, que defendeu acima de tudo o amor como instrumento de uma fraternidade universal, que propôs a economia da comunhão rompendo com o determinismo econômico, que nos ensinou a buscar a unidade pela experiência do amor.

O Presidente que o senhor disse estar junto, talvez sem pensar na assembleia que deveria representar, já demonstrou diversas vezes o desprezo pelas instituições e valores cristãos, e não é só porque nunca frequentou Igreja alguma. É a pessoa que agora repete bordões cristãos pró-vida mas, na prática, já revelou em entrevista à revista *IstoÉ* que apoiaria o

aborto do seu filho Renan, fruto de relação extraconjugal. É a pessoa que, em 2018, insultou a CNBB e o Conselho Indigenista Missionário chamando-os de “*a parte podre da Igreja católica*”.

Sobre os **povos indígenas**, a quem o Papa Francisco tem pedido um esforço especial da Igreja em defesa de suas vidas e tradições, Bolsonaro já afirmou o quanto os despreza: “*Pena que a cavalaria brasileira não tenha sido tão eficiente quanto a americana, que exterminou os índios*” (1998); “*Em 2019 vamos desmarcar a reserva indígena Raposa Serra do Sol. Vamos dar fuzil e armas a todos os fazendeiros*” (2016); “*Se depender de mim, todo cidadão vai ter uma arma de fogo dentro de casa. Não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou para quilombola*” (2017).

Ferrenho **defensor da ditadura e da tortura**, ainda em 1999, quando deputado, disse em cadeia nacional: “*Pau-de-arara funciona. Sou favorável à tortura. Tu sabe disso*”. Também declarou que o problema da ditadura foi ter torturado e não matado uns 30 mil. E na votação do aceite do processo de impeachment de Dilma Rousseff, em 17 de abril de 2016, declarou seu voto: “*Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra. o pavor de Dilma Rousseff*”. Ustra foi oficialmente condenado pelo Estado Brasileiro por crimes de tortura.

E apenas 5 dias antes (13/05) da audiência presidencial com as lideranças católicas no Planalto, Bolsonaro bradou: “*Meu grande sonho como presidente da República é aprovar o excludente de ilicitude. Esse é o meu sonho. E peço a Deus para que isso venha a acontecer. Temos de diminuir a letalidade, mas é a do cidadão de bem, e não a da bandidagem*”. Como sabemos o excludente de ilicitude é uma licença para matar dada às autoridades policiais que não precisariam prestar contas ou responder a processos pelas mortes causadas.

Para além das opiniões pessoais de Bolsonaro, o seu governo é um governo contra a vida, que pratica a necropolítica. Um governo de morte.

É o governo do **incentivo ao desmatamento** no cerrado e na Amazônia, do incentivo ao garimpo nas reservas indígenas, com massacres frequentes de inteiras comunidades, incluindo crianças e idosos.

É o governo do **veneno na comida** para favorecer os lucros do agronegócio – mais de 1.500 novos agrotóxicos de alta periculosidade foram liberados entre 2019 e 2021 – mesmo que isso custe a saúde das pessoas.

É também o **governo das armas**. Os sucessivos decretos de Bolsonaro facilitando a compra e uso de armas de fogo buscam destruir o Estatuto do Desarmamento, de 2003. E funcionam seja como favorecimento aos negócios da indústria armamentista, seja como estratégia política de armar apoiadores civis, paramilitares ou milicianos, de forma a criar uma cultura baseada na violência e nas armas, como revelou seu secretário de cultura, que

disse que pretendia usar a Lei Rouanet “*pra trazer a pauta do armamento dentro do discurso de um imaginário da sociedade*”.

É, acima de tudo, o **governo do desprezo pela vida**, como revelou a gestão da pandemia do Coronavírus. O presidente zombou dos doentes em cadeia nacional, ridicularizou o uso de máscaras de proteção e vacinas, distribuiu medicamentos ineficazes, desqualificou a ação de cientistas e das entidades de saúde, tentou atrapalhar todas as medidas para conter o avanço da pandemia.

Por fim, ainda fizeram da pandemia uma fonte de negócios escusos, em um contrato fraudulento de um bilhão de reais cancelado depois da denúncia ocorrida na CPI do Senado. O resultado foi mais de 660 mil mortos, número que poderia ter sido reduzido pela metade com o mínimo de esforço do governo federal, conforme apontam vários estudos de entidades autônomas nacionais e internacionais.

Frei Hans, **não acreditamos no ódio** como método de fazer política, incitando a violência simbólica e real em seus apoiadores, nas forças policiais cada vez mais truculentas ampliando o número as mortes. Não acreditamos em quem ataca diuturnamente os demais poderes da República, ameaça quem lhes faz oposição, faz de tudo para corroer por dentro as nossas frágeis instituições.

Somos a favor da democracia e isso isola o atual governo que como nenhum outro, após a redemocratização, tem aparelhado as instituições para defender sua família e sua tentativa de se perpetuar no poder, diante do temor de ser condenado pela Justiça por inúmeros crimes apontados nos pedidos de impeachment, cujo número é recorde.

Apoiar esse desespero é perigoso. Inconsequente. Temos que evitar a manipulação do discurso religioso, que pode colocar em risco não apenas a democracia e a seguridade social do país, mas atacar diretamente a instituição da Fazenda da Esperança.

**Junho/2022**